

O cotidiano de trabalhadores rurais no pós-trabalho assalariado na dendêicultura

The daily lives of rural workers post-salaried work in oil palm cultivation

Laiane Bezerra Ribeiro*

<https://orcid.org/0000-0002-6832-1586>

Dalva Maria da Mota**

<https://orcid.org/0000-0003-0027-5162>

Éberton da Costa Moreira***

<https://orcid.org/0000-0002-4016-0151>

Resumo

Este artigo visa analisar a trajetória de trabalhadores rurais no decorrer dos seus cotidianos no pós-trabalho assalariado na dendêicultura. Para isso, focamos nas suas interações nos âmbitos família e comunidade. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso na vila rural de Belenzinho, município do Acará, nordeste paraense, entre os anos de 2021 e 2023. Privilegiamos a observação direta, o registro de conversas informais e entrevistas por meio de questionários semiestruturados com 18 trabalhadores que vivenciavam o pós-trabalho assalariado. Nos apoiamos nos conceitos de cotidiano e trabalho rural. As principais conclusões demonstram que os momentos vividos em comunidade e em família se intensificam no pós-trabalho assalariado na dendêicultura. Os trabalhadores assumem e reassumem o seu trabalho como agricultor familiar e aliam os conhecimentos adquiridos na dendêicultura como forma de permanecer em seu local de origem e arrecadar possíveis retornos financeiros.

Palavras-chave: trabalho rural; dendê; nordeste paraense.

* Doutora em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: laiane.ribeiro@ufopa.edu.br

** Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental. Professora do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: dalva.mota@embrapa.br

*** Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: costaeberton12@ufscar.br



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Abstract

The objective of this article is to analyze the trajectory of rural workers throughout their daily lives after wage labor in oil palm farming. To this end, we focused on their interactions within their families and communities. The research was conducted through a case study in the rural village of Belenzinho in the municipality of Acará, in northeastern Pará, between 2021 and 2023. We focused on direct observation, recording informal conversations, and interviews using semi-structured questionnaires with 18 workers who were experiencing their post-work as wage laborers in oil palm farming. We based our research on the concepts of daily life and rural work. The main conclusions show that the moments lived in the community and family are intensified after they have worked as wage laborers in oil palm farming. The workers assume and resume their work as family farmers and combine the knowledge acquired in oil palm farming as a way to remain in their place of origin and earn potential financial returns.

Keyword: rural work; palm oil; northeast of Pará

Introdução

A Amazônia é, historicamente, associada à coexistência do extrativismo, da agricultura e da expansão de grandes projetos, entre eles a produção de *commodities*, como a dendêicultura. Castro¹ destaca que a Amazônia vem, ao longo de décadas, sendo alvo de interesses nacionais e internacionais que contribuem diretamente com a devastação da floresta para a produção de *commodities*. A autora avalia que existem conexões entre os territórios devastados, o mercado global e a dominância dos movimentos de brasileiros voltados à exportação de matérias-primas, tais como carne, grãos e minérios, com o objetivo de ocupar terras públicas e de comunidades locais.

A dendêicultura vem, desde a década de 1970, fazendo parte do cotidiano de centenas de trabalhadores rurais do nordeste paraense. No entanto, se intensifica a partir de 2004 através de incentivos do governo federal². Segundo

¹ CASTRO, Edna Maria Ramos. Desmatamento na Amazônia, desregulação socioambiental e financeirização do mercado de terras e de commodities. *Novos Cadernos NAEA*, v. 25, n. 1, p. 11-36, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v25i1.12189>

² A primeira dessas iniciativas é conhecida como PNPB (Programa Nacional de Produção de Biodiesel), essa visa o incentivo à produção de certas culturas oleaginosas para a produção de biodiesel como, girassol, soja e o dendê. A segunda política de expressão para a expansão da dendêicultura é conhecida como PPSOP (Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma) e foi lançada pelo presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, em 2010, no município de Tomé-Açu/PA. O PPSOP visa a produção do óleo de palma em vias consideradas sustentáveis, inclusive integrando agricultores familiares ao cultivo de dendê.

Mota³, o estado do Pará é o maior produtor de dendê do Brasil e faz parte de uma divisão internacional do trabalho, na qual a Ásia, a África e a América Latina produzem e exportam o “óleo de palma” principalmente para a Índia, a China e a União Europeia.

A dendicultura é destacada pelos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) como uma das atividades que mais geram empregos na área rural do Pará. No entanto, é uma das ocupações com menores saldos positivos de emprego/ano. Ou seja, apesar de admitir, também desliga muitos, influenciando em uma alta rotatividade entre os trabalhadores. Mota⁴ destaca que, em informações orais, um membro da Federação dos Trabalhadores Empregados e Empregadas Rurais do Estado do Pará (FETERPA) indicou que persistem cerca de 20.000 empregos formais, com carteira assinada.

Os trabalhadores rurais assalariados na dendicultura são predominantemente da região do Nordeste Paraense (NEP) e das áreas rurais dos municípios onde a dendicultura está instalada. Por isso, residem próximo ao seu local de trabalho. Assim, não ocorrem migrações, como identificado em outros países onde a dendicultura é referência, como na Ásia⁵.

A alta rotatividade presente entre os trabalhadores rurais da dendicultura está relacionada a diversos fatores, especialmente, aos contratos de trabalho temporários, intensificados após a reforma trabalhista (Lei 13.467/17)⁶,

³ MOTA, Dalva Maria. Sociabilidades entrecortadas em vilas rurais sob o afluxo de migrantes para trabalhar na dendicultura no Pará. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 42, n. Especial, p. 489–506, 20 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2022.v42.803>

⁴ MOTA, Dalva Maria da. Sociabilidades entrecortadas em vilas rurais sob o afluxo de migrantes para trabalhar na dendicultura no Pará. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 42, n. Especial, p. 489–506, 20 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2022.v42.803>

⁵ BUDIDARSONO, Suseno; SUSANTI, Ari; ZOOMERS, Annelies. Oil Palm Plantations in Indonesia: The Implications for Migration, Settlement/Resettlement and Local Economic Development. In: FANG, Zen (ed.). Biofuels - Economy, Environment and Sustainability. *In Tech*, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5772/50478>. PEBRIAN, Darius El; YAHYA, Azmi; SIANG, Tan Chun. Workers' workload and productivity in oil palm cultivation in Malaysia. *Journal of Agricultural Safety and Health*, v. 20, n. 4, p. 235-254, 2014. DOI: <https://doi.org/10.13031/jash.20.10413>. PUDER, Janina. Superexploitation in bio-based industries: the case of oil palm and labour migration in Malaysia. In: BACKHOUSE, Maria; LEHMANN, Rosa; LORENZEN, Kristina; LÜHMANN, Malte; PUDER, Janina; RODRÍGUEZ, Fabricio; TITTOR, Anne. Bioeconomy and Global Inequalities: Socio-Ecological Perspectives on Biomass Sourcing and Production. Springer International Publishing, 2021, p. 195-215.

⁶ BRASIL. Lei Nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2017.

e ao trabalho extremamente penoso. Por isso, é interessante compreender a trajetória de trabalho, focando sobre o cotidiano pós-trabalho assalariado.

Martins destaca que o cotidiano é um campo específico da sociologia, que é a sociologia da vida cotidiana, considerando que “Nem tudo na sociedade é visível e nem tudo que é visível dá conta do que a sociedade é”⁷. Assim, o cotidiano não pode ser confundido com uma sociologia minimalista e redutiva dos processos sociais aos componentes da vida social. Ao contrário, a sociologia se propõe a investigar o visível e o aparente das ações e relações sociais cotidianas na medição das estruturas sociais e dos processos históricos que lhes dão sentido⁸.

Por pós-trabalho assalariado na dendicultura, consideramos o período em que a relação de trabalho é rompida, por opção ou não do trabalhador, e ele passa a desenvolver outras atividades. Para Novaes⁹ e Froes¹⁰, que estudaram os trabalhadores rurais da cana-de-açúcar, do café e do eucalipto, esse período de desemprego rural é uma fase de descanso, essencial para recompor as energias para outra jornada extensiva de trabalho. Contudo, também é um momento dedicado à realização de atividades agrícolas nos próprios estabelecimentos. Em contraste, o pós-trabalho analisado por Reis¹¹ é relacionado às doenças adquiridas pelo esforço no trabalho, o que ocasiona o fim das relações de trabalho e é visto por esses trabalhadores como um descarte e tempo de procura por seus direitos. Todos esses períodos de pós-trabalho estão relacionados à alta rotatividade dos trabalhos rurais.

Nesta direção, o objetivo deste artigo é analisar a trajetória de trabalhadores rurais no decorrer dos seus cotidianos no pós-trabalho assalariado na dendicultura. Para isso, focamos nas suas interações nos âmbitos família e comunidade.

O artigo está estruturado em outras duas seções além da introdução e das considerações finais. Na sequência, apresentamos a metodologia

⁷ MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 224.

⁸ MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 224.

⁹ NOVAES, José Roberto Pereira. Trabalho nos canaviais: os jovens entre a enxada e o facão. *RURIS*, v. 3, n. 1, p. 105-127, 2009. DOI: <https://doi.org/10.53000/rr.v3i1.685>

¹⁰ FROES, Lívia Tavares Mendes. Tecendo caminhos, ocupações e percepções – a diversidade das experiências de trabalhadores rurais temporários do norte de minas gerais. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, n. 1, p. 15, 2017. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2017.v37.49>

¹¹ REIS, Tainá. *Ceifando a cana... Tecendo a vida. Um estudo sobre o pós/trabalho nos canaviais*. 2018. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

empregada para a realização da pesquisa e análise dos dados. Em seguida, analisamos e discutimos os achados, evidenciando o cotidiano dos trabalhadores na vila rural de Belenzinho.

Metodologia

A pesquisa foi realizada na vila rural de Belenzinho, no município do Acará, microrregião de Tomé-Açu, nordeste paraense. Essa microrregião responde por aproximadamente 80% da produção de dendê no Pará¹². O município de Acará está localizado a cerca de 200 km da capital paraense e tem sua população predominantemente residindo na área rural. Por sua vez, Belenzinho está localizada na região conhecida como baixo Acará, mais precisamente, na região do igarapé¹³ Araxiteua.

Optou-se pela condução de um estudo de caso na vila rural de Belenzinho, levado a cabo entre os anos de 2021 e 2023. Segundo Becker¹⁴, o estudo de caso realiza uma análise detalhada de um caso individual, ou seja, a partir da exploração intensa de um único caso com o intuito de compreender de uma forma abrangente todo esse grupo estudado.

No decorrer de 40 dias na vila foram visitados moradores em geral e os trabalhadores rurais que viviam o pós-trabalho assalariado na dendecultura. Privilegiamos a observação direta, o registro de conversas informais e entrevistas com 18 trabalhadores que vivenciavam o pós-trabalho assalariado. Desse modo, buscamos compreender o cotidiano neste determinado período das suas trajetórias de trabalho.

Os dados das entrevistas foram analisados horizontal e verticalmente, interpretando o que cada entrevistado falava na sua totalidade e, em seguida, em diálogo com o conjunto das entrevistas a partir de cada tema¹⁵. Os dados quantitativos foram sistematizados com o uso do software Microsoft Office Excel, para a elaboração dos gráficos. O conjunto dos resultados foi interpretado à luz da bibliografia sobre o cotidiano e pós-trabalho assalariado.

¹² IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Produção Agrícola Municipal 2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024

¹³ Pequeno rio por entre a floresta.

¹⁴ BECKER, Howard. Observação social e estudos de caso sociais. In: BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Hucitec, 1994, p. 117-135.

¹⁵ MICHELAT, Guy. Sobre a utilização de entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987. p. 191-212.

A construção do cotidiano na vila rural de Belenzinho

O estudo do cotidiano é uma questão que se encontra na linha de frente do debate sociológico¹⁶. Nesse sentido, apesar do cotidiano impor aos indivíduos um padrão de comportamento, ele não é o mesmo para todos, não é um reflexo de nossas ideias. Ele é, sim, um mundo particular com incertezas, alegrias, dúvidas, paixões, dramas e esperanças, razão por que jamais será unidimensional¹⁷.

Certeau¹⁸, um dos principais autores sobre o tema do cotidiano, destaca as práticas cotidianas como modos de ação, realizações feitas pelo indivíduo no processo de interação social. Ele exalta sentidos em práticas cotidianas que em outro momento poderiam não ser notadas. Tais práticas também são denominadas de “maneiras de fazer”. Em seu estudo, ele privilegia o homem comum ou o homem ordinário, ou o que ele também chama de figurante, os quais são, ao mesmo tempo, “ninguém” e “cada um”, para mostrar como os sujeitos comuns também possuem seu valor¹⁹.

É nas práticas corriqueiras, ou cotidianas, que as inúmeras práticas sociais se materializam e constituem a essência de cada indivíduo que, embora singular, constitui-se de pluralidades²⁰. São estas que aqui analisamos como um determinado momento das trajetórias dos trabalhadores rurais.

Por trajetórias, compreendemos o encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelo indivíduo nos diferentes campos do espaço social. A trajetória não se resume apenas às decisões subjetivas relacionadas à vontade dos indivíduos ou do grupo familiar, mas também alcança os condicionantes externos, ou seja, as estruturas nas quais as práticas são tecidas²¹.

Segundo Martins²², o estudo do cotidiano é “Um modo sociológico de ver, descrever e interpretar desde as simples ocorrências de rua até os fatos e fenômenos sociais relevantes e decisivos”. O autor destaca que o foco e a

¹⁶ OUTHWAITE, William.; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

¹⁷ OUTHWAITE, William.; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

¹⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

²⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

²¹ SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros de. Partir e ficar. Dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, p. 129–151, dez. 2009.

²² MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 11.

temporalidade da observação sociológica se deslocaram para a vida cotidiana, para os processos microssociais, para o que muitos consideram irrelevante. Sua orientação é observar esses processos sociais menosprezados e buscar o vínculo entre as estruturas sociais profundas e datadas, duradouras, ocultas, ordinárias e banais e suas expressões no cotidiano.

A sociologia da vida cotidiana não deve ser confundida com uma sociologia simplista ou redutora dos processos sociais perceptíveis da vida social. Pelo contrário, o estudo do cotidiano se propõe a investigar o visível e aparente das ações e relações sociais cotidianas na mediação das estruturas sociais e dos processos históricos que lhes dão sentido²³.

Santos Júnior²⁴ estudou as nuances do cotidiano através da resistência, o qual chamou de “resistências miúdas”, pois a comprehende não somente como algo intencionado ou fenômeno manifesto por meio de conflitos visíveis, mas aspectos do cotidiano que se configuram como resistência. Segundo o autor, observar o cotidiano é “o esforço por encontrar o homem por trás do sistema, que tentava separadamente viver, não somente sobreviver”²⁵.

No rural, Santos Júnior²⁶ e Menezes e Cover²⁷ mostram, com seus estudos sobre os cortadores de cana-de-açúcar, que é possível compreender que nem toda forma de resistência altera a ordem, mas existe uma resistência cotidiana, que é, supostamente, espontânea, observada nas ações tais como elas ocorrem. O cotidiano dos trabalhadores rurais não está relacionado somente à aceitação deste tipo de trabalho precário, mas também a formas de resistências silenciosas que não são perceptíveis. O estudo do cotidiano permite observar outras possibilidades e enxergar também o que não é dito nem visto.

²³ MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2020.

²⁴ SANTOS JÚNIOR, Jaime. A dimensão esquecida: a questão da agência no trabalho do corte da cana de açúcar. *Caderno CRH*, v. 31, n. 83, p. 389–406, ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792018000200014>

²⁵ SANTOS JÚNIOR, Jaime. A dimensão esquecida: a questão da agência no trabalho do corte da cana de açúcar. *Caderno CRH*, v. 31, n. 83, p. 389–406, ago. 2018, p. 7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792018000200014>

²⁶ SANTOS JÚNIOR, Jaime. Fissuras do cotidiano: nos meandros das estruturas de dominação. In: PALERMO, Hernán M.; CAPOGROSSI, María Lorena (orgs.). *Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires*: CLACSO; CEIL; CONICET; Córdoba: Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura-CIECS, 2020. p. 705–732.

²⁷ MENEZES, Marilda Aparecida; COVER, Maciel. Trabalhadores migrantes em usinas de cana de açúcar em São Paulo, Brasil. In: PALERMO, Hernán M.; CAPOGROSSI, María Lorena (orgs.). *Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires*: CLACSO; CEIL; CONICET; Córdoba: Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura-CIECS, 2020. p. 773-770.

Agricultor, assalariado, agricultor

Oriundos de famílias de agricultores familiares, os trabalhadores rurais entrevistados foram socializados em atividades agrícolas desde cedo e o trabalho na roça era parte integrante das tarefas cotidianas da família. Assim, o início nas atividades de trabalho na roça foi algo prematuro para os entrevistados, iniciando, geralmente por volta dos oito anos de idade, e considerado por todos como a introdução ao trabalho rural. Todos os 18 entrevistados possuem terras agrícolas e são oriundos da agricultura familiar. Assim, seus primeiros trabalhos foram com os pais na agricultura.

Até construírem suas próprias famílias, o trabalho na agricultura era visto como “uma ajuda aos pais”. É também um período em que os conhecimentos são repassados de pai a filho. O trabalho, além de fornecer bens materiais, permite o exercício de hierarquias e a formação para a vida adulta²⁸. Dos 18 entrevistados, 89% (16) sempre permaneceram na vila rural de Belenzinho desenvolvendo atividades agrícolas desde o tempo de seus pais. A principal atividade sempre esteve relacionada aos cultivos das espécies anuais, especialmente, as chamadas de “roça”, ou seja, mandioca, arroz, milho e feijão. A produção de farinha de mandioca sempre foi a principal fonte de trabalho e renda para as famílias da região e, para algumas, a única.

Até a chegada da dendêicultura nas proximidades da vila em meados de 2010, esses trabalhadores tinham na agricultura sua principal fonte de renda. Os moradores de Belenzinho entrevistados tinham grandes expectativas quanto à chegada da dendêicultura, especialmente com a possibilidade de ter, pela primeira vez, uma carteira de trabalho assinada, construir sua casa de alvenaria, obter bens materiais, ter um salário fixo e obter melhorias estruturais para a vila. Algumas dessas expectativas foram alcançadas, especialmente a compra de bens materiais e a construção de casas de alvenaria.

O trabalho assalariado surgiu como uma alternativa financeira diante da oscilação de preços dos produtos agrícolas, especialmente da mandioca, principal cultura da região, e das doenças que afetam essa cultura, como a podridão da mandioca.

A faixa etária dos trabalhadores rurais quando estavam assalariados na dendêicultura foi de 18 a 45 anos, sendo que 89% (16) dos trabalhadores

²⁸ GARCIA JUNIOR, Afrânio Raul. *O Sul: Caminho do Roçado - Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social*. 1983.Tese de Doutorado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

entrevistados tinham idades entre 18 e 37 anos. Os dados refletem a composição de uma força de trabalho jovem, tendo como princípio o aproveitamento do potencial físico desses homens, aspecto essencial para assegurar as longas jornadas entre o deslocamento da casa até o local de efetivo trabalho, o peso do carreamento dos cachos de dendê, a roçagem, a poda das árvores, entre outras atividades que envolvem o dendê e o trabalhador rural, que são classificadas, pelos trabalhadores, de grande exaustão.

Para os trabalhadores rurais de Belenzinho, o trabalho assalariado na dendicultura durou em média quatro anos, sendo que 71% (12) trabalhadores ficaram de três a sete anos na empresa e 34% (6) trabalhadores permaneceram de três meses a três anos assalariados no dendê. Durante o assalariamento, 61% (11) dos trabalhadores rurais permaneceu com o trabalho na agricultura, ao menos para não faltar “a farinha na mesa da família” – como foi comum escutar.

Após o fim do vínculo trabalhista com as empresas de dendê, 94% (17) dos entrevistados retornam ao seu trabalho na agricultura. Porém, optaram por cultivar prioritariamente frutíferas, como é o caso do açaí, cupuaçu, cacau, e outras em menores proporções, sem, contudo, deixar de cultivar a mandioca para a venda e ao consumo familiar.

Portanto, o que se observa é um cenário no qual os agricultores recorrem a pluriatividade para a garantia da reprodução social de suas famílias no campo, combinando atividades agrícolas de ciclo anual, cultivos perenes, trabalho assalariado, entre outras. Entendemos que a pluriatividade é a articulação de distintas ocupações agrícolas e não agrícolas, a depender das relações entre as unidades familiares e o contexto no qual estão inseridas²⁹. Estudiosos demonstraram, em estudo de caso em Mojuí dos Campos (PA), que acionar o recurso a pluriatividade está relacionado a maior ou menor disponibilidade de terras, onde às famílias com menor disponibilidade recorrem a ocupações não agrícolas³⁰.

Em nosso estudo, o que se observa é que àqueles com disponibilidade de terras mantiveram, mesmo enquanto assalariados, suas roças. No retorno, retomaram suas atividades nos estabelecimentos familiares e ainda, a partir das experiências adquiridas, inseriram novas formas de cultivo. O ir

²⁹ SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no sul do Brasil. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 16, 2001.

³⁰ BORGES, Anderson Coelho; FOLHES, Ricardo Theophilo. Agricultura familiar camponesa: formas de existência em Mojuí dos Campos – PA. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 17, n. 44, 2022.

ao assalariamento, como vimos, para alguns, representou possibilidades de adquirir melhorias nas condições de vida, mantendo sempre a condição de agricultor familiar³¹.

O cotidiano em comunidade

O cotidiano dos trabalhadores rurais ocorre em momentos de interação com os demais moradores da vila de Belenzinho, principalmente no lazer, como o futebol, eventos religiosos e em conversas paralelas ao final da tarde na frente das casas.

Melo e Alves Junior³² destacam o lazer como vivências culturais, em seu sentido mais amplo, que engloba os diferentes interesses humanos, as diversas linguagens e manifestações e podem ser realizados no tempo livre das obrigações profissionais, familiares, domésticas e das necessidades físicas. Isso não quer dizer que não há obrigações nos momentos de lazer. No lazer, pode-se optar com maior facilidade pelo que se deseja fazer e em qualquer momento. As pessoas buscam as atividades de lazer tendo como referência o prazer que estas possibilitam, embora nem sempre isso ocorra e o prazer não deva ser compreendido como exclusividade das possibilidades de lazer.

Froes³³, estudando os trabalhadores rurais migrantes do sul de Minas, destaca que o lazer da comunidade, em geral, se intensifica com o retorno dos trabalhadores assalariados do café e do eucalipto. Quando estes retornam, as comemorações e as festas de santos se intensificam, com os reencontros entre amigos e as possíveis paqueras e namoros.

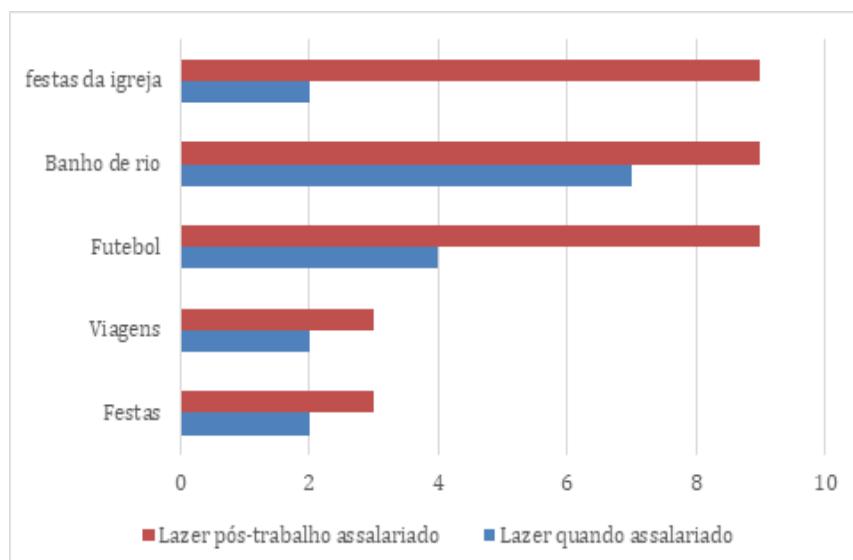
Na vila rural de Belenzinho, o lazer em comunidades se intensifica quando os trabalhadores rurais saem do assalariamento. A participação em eventos religiosos, banho de rio, festas e no futebol aparecem com mais frequência durante o período de pós-trabalho assalariado na dendêicultura (figura 1).

³¹ SEVERO, Patrícia Schneider; SACCO DOS ANJOS, Flávio. Clandestinos, invisibles e esenciales: zafberos rurales en el Brasil meridional. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 84, n. 3, 2022.

³² MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo D. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

³³ FROES, Lívia Tavares Mendes. Tecendo caminhos, ocupações e percepções – a diversidade das experiências de trabalhadores rurais temporários do norte de minas gerais. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, n. 1, p. 15, 2017. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2017.v37.49>

Figura 1: Lazer cotidiano durante e pós-trabalho assalariado na dendecultura



Fonte: elaboração própria a partir dos dados de campo - período: 2021-2023

A jornada de trabalho³⁴, quando assalariados na dendecultura, foi relatado como uma das dificuldades em participar com mais frequência do cotidiano em comunidade. Alguns relatos mostram a dificuldade:

Sobre isso, 100% porque não tinha tempo, tinha um 4x4 lá que a gente trabalha de domingo a domingo, a gente trabalhava no Natal, trabalhava no Círio, aí quer dizer que depois que saiu... eu saí também muito por causa disso aí né? A gente não tinha esse tempo pra lazer, às vezes a gente queria ir lá na casa da mãe dela (a esposa) lá e não podia porque é lá em Belém entendeu? Aí a minha escala caia tudo dias de final de semana, durante a semana não dava porque as crianças estudam (D.C.C, 33 anos) Quando era assim, normal até sexta, era bem melhor. Depois que mudou, quando dava de sábado até dez horas todo mundo sabia que já era né? No sábado ia ter a tarde aí ia ter o domingo, aí depois que mudou não, a gente trabalha um mês de sábado e

³⁴ Dois tipos de jornadas de trabalho foram elencados pelos entrevistados. A primeira era o formato 4x4, apesar de disponibilizar quatro dias de folga, muitos trabalhadores o criticaram, pois nem sempre caiam nos finais de semana, impedindo de participar dos eventos religiosos, ou dos campeonatos de futebol que ocorrem na vila de Belenzinho ou em vilas rurais próximas, pois chegavam sempre muito cansados e tinham que preparar o corpo e a mente para um novo dia de trabalho. A segunda jornada de trabalho é a de segunda a sábado até o meio-dia

domingo. Um mês não. Entendeu? Tem mês que tem lá que tem evento, tem mês que não tem. Aí nunca ninguém sabia qual é o dia que ia cair (J.M.S, 26 anos).

Quando questionados sobre as mudanças nos momentos vividos em família ou em comunidade, as respostas foram sempre semelhantes.

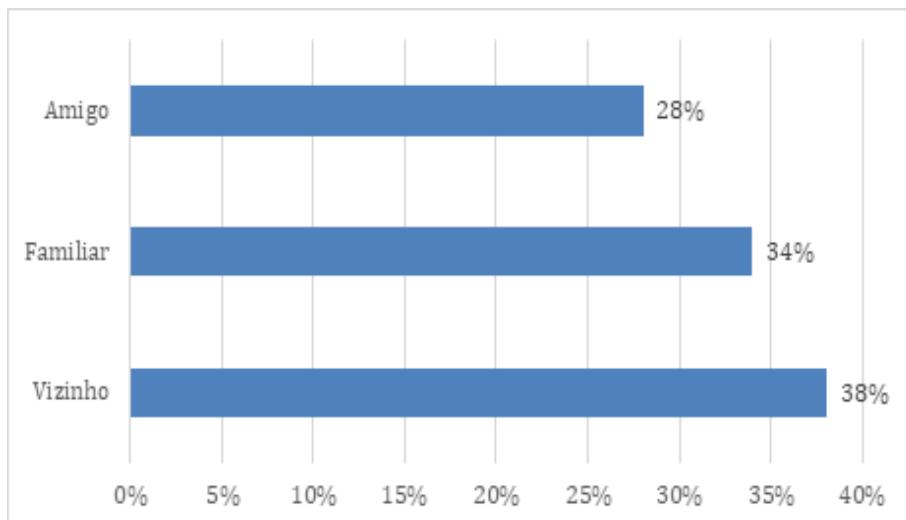
Ah... modificou sim, no tempo que eu estava no dendê eu não tinha mais tempo pra minha família, pra fazer minhas atividades e outras coisas. Porque assim, tinha que estar todos os dias lá, aí as vezes eu chegava cansado aí a gente não ia pra lugar nenhum não. A gente perde a liberdade da gente, depois que firma um compromisso. As vezes tem um culto fora e não podíamos ir (R.P.S, 41 anos).

Eu não tinha muito tempo, eu chegava às vezes cansado, eu tinha que assumir meus compromissos porque era agenda, aquele negócio, aquela correria, tinha que ir, mas só ia na misericórdia mesmo que o corpo físico já não estava, já estava esgotado, já estava no limite. Hoje mudou muito para mim depois que eu saí do dendê. Para mim era igual aquelas pessoas quando estão presos na cadeia, sabe? Eu senti uma tranquilidade quando saí. Porque eu tinha que estar todo dia batendo ponto na empresa e hoje não, hoje o patrão sou eu mesmo (C.R, 44 anos).

Não, hoje tem mais tempo. Era direto, só tem folga no domingo. É uma folga só no domingo. E agora não, a gente trabalha pra gente mesmo a gente quiser parar um dia ou dois dias, a gente para (F.C.M.L, 36 anos)

Nos diferentes espaços de interação, as relações se intensificam entre aqueles que vivem o pós-trabalho assalariado na dendêicultura e têm vínculos pelo parentesco, vizinhança ou pela afinidade (figura 2).

Figura 2: Companhias para o lazer



Fonte: elaboração própria a partir dos dados de campo - período: 2021-2023

Como visto, a preferência de 66% é por amigos e vizinhos, 34% recorrem a família para participar dos momentos de lazer. O destaque para amigos e vizinhos está relacionado também ao tipo de atividade, nesse caso as principais formas de lazer foram o futebol e as festas religiosas.

a) Os jogos de futebol

O futebol é uma atividade de lazer que ocupa os finais das tardes de segunda, quarta e sexta-feira. As partidas fazem parte do cotidiano dos moradores, não somente dos que jogam futebol, mas dos familiares, amigos e vizinhos que os acompanham e se divertem assistindo-os. O campo de futebol está localizado no centro da vila e, assim, torna-se responsável por reunir e proporcionar momentos de lazer aos moradores de Belenzinho.

Dos 18 entrevistados, 50% (9) participam com frequência dos jogos de futebol, integrando o time. Os demais destacaram como motivos para não jogar: idade avançada, falta de habilidade no esporte, ou doenças e problemas de saúde adquiridos durante o assalariamento da dendeicultura. Os mais novos são introduzidos ao time de futebol a partir dos 12 ou 13 anos e começam como experiência, caso tenham habilidade passam a fazer parte do time principal.

Segundo Gastaldo³⁵, o universo simbólico do futebol pode ser considerado um importante elemento da cultura brasileira contemporânea. Apesar das controversas imbricações das organizações que regulam a prática deste esporte (federações, clubes, tribunais de justiça desportiva etc.) com as esferas da política, da mídia e da economia, há um amplo espaço de apropriação destes fatos sociais na vida cotidiana. Para Mota³⁶ os times, os campeonatos e as comemorações são organizados em grupos ligados por laços de parentesco, de vizinhança e com um histórico de interação.

Segundo Barros³⁷, a prática do futebol na Amazônia deve ser compreendida dentro de sua complexidade sociocultural, na qual todos, independentemente de classe social ou idade, se envolvem de alguma forma. Assim, o futebol não pode ser analisado somente como uma atividade desportiva com regras pré-estabelecidas e composta por onze jogadores em cada equipe, mas pela representatividade dessa prática dentro do contexto Amazônico.

As atividades esportivas nas comunidades amazônicas se dão como momentos especiais além do esporte, que são as manifestações sociais compartilhadas entre as comunidades vizinhas. Nesses encontros, os sujeitos discutem problemas do cotidiano, sejam eles econômicos, políticos, sociais e religiosos. É um momento de celebração e festa, tendo o esporte como fator de expressão de seus sentimentos mais profundos³⁸.

O time de futebol masculino na vila de Belenzinho é uma organização que visa ao entretenimento, não só dos jogadores, mas das famílias. Isso ocorre porque, quando o time joga, há lazer e interação, com conversas entre as mulheres dos jogadores e as demais, que estão lá apenas para observar. Há venda de comidas e bebidas e a interação com moradores de outras vilas que são convidados para jogar no time adversário, ou vice e versa.

Segunda, quarta e sexta a gente joga aqui a tarde, as mulheres também jogam quando a gente não está jogando no campo, as

³⁵ GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, v. 3, p. 1-16, 2006.

³⁶ MOTA, Dalva Maria. Sociabilidades entrecontadas em vilas rurais sob o afluxo de migrantes para trabalhar na dendêicultura no Pará. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 42, n. Especial, p. 489-506, 20 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2022.v42.803>

³⁷ BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos. *O Futebol como espaço de manifestação sociocultural vivenciada em comunidades rurais no Baixo Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

³⁸ BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos. *O Futebol como espaço de manifestação sociocultural vivenciada em comunidades rurais no Baixo Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

mulheres jogam quase todo dia. O maior lazer aqui é a bola, as vezes a gente se reúne nas frentes das casas, compra uma cerveja e fica com os colegas brincando. As vezes vai pro igarapé, bebe cerveja no igarapé, leva um som pro igarapé (R.P.S, 39 anos)
É mais futebol né? Antes era festa, futebol, agora é mais futebol, eles é igreja, eles tem igreja segunda, quarta e domingo. É brincar, contar história, é igreja. Eu não, como eu não frequento igreja é mais esporte mesmo, forma de lazer né? Antes era festa agora é esporte (D.C.S, 33 anos).

Nos dias de futebol era difícil realizar entrevistas, pois o horário das 17h se aproximava e os trabalhadores ficavam alvoroçados, querendo que a entrevista acabasse logo para poderem participar dos jogos, seja jogando ou somente observando. Enquanto os entrevistávamos, os outros passavam em frente as casas chamando-os para o campo de futebol.

b) Eventos religiosos ou de ajuda mútua

Os eventos religiosos se cruzam com os de ajuda mútua, como os mutirões das atividades realizadas pelas igrejas, especialmente as evangélicas, na construção de casas para os moradores da vila ou de vilas vizinhas e para a manutenção da igreja quando necessário, com pinturas, reformas, organizações de festas, entre outros.

Esse tipo de mutirão é destacado por Schmitz, Mota e Sousa³⁹, que os identificam como “mutirão em benefício comum”, que consiste em ajuda mútua para a construção, por exemplo, de uma escola, a manutenção de uma estrada ou a realização de uma festa. É incentivado por organizações, criadas com base no princípio da reciprocidade.

Na vila de Belenzinho há três igrejas: duas evangélicas e uma católica. A igreja católica abre aos domingos, mas nem sempre tem a presença de um padre e a celebração pode ocorrer através de ministros da própria vila. As igrejas evangélicas, ao contrário, têm o pastor residindo na vila, o que leva a ter diariamente algum evento nessas igrejas. Inclusive os pastores de ambas as igrejas evangélicas trabalhavam como assalariados na dendeicultura.

Dos 18 entrevistados, 50% (9) afirmaram participar dos eventos religiosos que ocorrem nas igrejas – evangélicas e católica – e, sempre que podem, participam dos mutirões. Apesar dos eventos religiosos ocorrerem,

³⁹ SCHMITZ, Heribert; MOTA, Dalva Maria da; SOUSA, Gláucia. M. Reciprocidade e ação coletiva entre agricultores familiares no Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 12, n. 1, p. 201-220, jan.-abr. 3 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000100012>

geralmente, pela parte da noite, os trabalhadores destacam que, quando estavam assalariados na dendêicultura, não tinham prazer e nem disposição para participar dos eventos realizados pela igreja, especialmente, a evangélica. No entanto, hoje, participam e acompanham suas esposas e filhos com muito mais assiduidade nos cultos, festas e outros momentos proporcionados pelas igrejas, tanto na vila rural de Belenzinho quanto em eventos de igrejas de vilas rurais vizinhas.

Os depoimentos abaixo destacam os períodos dedicados à igreja

De manhã eu sempre saio para trabalhar seja no dendê (arrendado) ou na roça, umas 7h até as vezes 11h ou 15h, conforme o trabalho. A tarde, as vezes, a gente não faz nada mesmo, a noite é em casa, igreja, de casa pra igreja. Quando não tem culto dia de terça e quinta ou sábado, dormi cedo né? (J.M.S, 26 anos)

A gente se reúne aqui na igreja para conversar sobre a palavra de Deus, quando tem um amigo doente que tem para ajudar aí a gente se reúne pra ajudar né e outras conversas. O que eu costumo fazer é fazer meu trabalho e visitar meus amigos, ir pra igreja, isso que costumo fazer na vila, ir à cidade resolver algum problema. (R.P.S, 39 anos)

O cotidiano na família nuclear

A família nuclear, dos trabalhadores rurais é compreendida pelo casal e seus filhos, vivendo juntos em uma única residência. O cotidiano da família é caracterizado, em sua maioria, por interações relacionadas ao trabalho na agricultura ao descanso ou lazer entre os filhos e a esposa. A escolha dessa relação se justifica por ser um dos principais locais de interação pós-trabalho assalariado na dendêicultura.

O cotidiano na família nuclear pode ser interpretada e compreendida em dois períodos: um pela parte da manhã, que é quando o trabalhador rural que vive o pós-trabalho assalariado e a família dedicam-se aos trabalhos agrícolas, e o outro nos períodos da tarde e da noite, quando estes realizam atividades de lazer, descansam, assistem programas de TV e vão às igrejas.

Dos trabalhadores rurais entrevistados, 94% (17) estavam vivendo em família e casados – na igreja, no civil, ou em união estável. Apenas um dos entrevistados estava solteiro e sem filhos. As famílias dos trabalhadores rurais eram compostas em média de quatro componentes, sendo o pai (entrevistado) a esposa e, geralmente, dois filhos. Dos trabalhadores rurais casados, 83% (15)

tem filhos morando na mesma residência e as famílias não são numerosas, considerando que 22% (4) tem somente um filho, 56% (10) tem de dois a três filhos e 17% (3) não tinham filhos morando na residência e 7% (1) estava solteiro.

Os filhos dos trabalhadores rurais entrevistados estavam em idade escolar, por isso 50% (7), segundo os pais, apenas estudavam, enquanto 33% (5) ajudavam os pais no trabalho da roça e estudam e 17% (2) estudam e ajudam a mãe nas tarefas domésticas. A percentagem elevada dos filhos que só estudavam pode estar relacionada também à ideia de que o trabalho na roça pode ser considerado penoso para as crianças e adolescentes, mas também à ilegalidade do trabalho infantil e ao fato de os trabalhadores terem sido questionados a este respeito por uma pessoa estranha (no momento da entrevista).

Os participantes comumente ficavam “desconfiados” de relatarem o dia a dia familiar, especialmente para admitir que os filhos mais novos participam das tarefas da agricultura, seja na limpeza das áreas de mandioca, fazendo farinha, coletando os cachos de açaí, entre outras atividades relacionadas às crianças. No entanto, percebemos que os filhos ajudam nos trabalhos da roça e domésticos, especialmente, na primeira visita, quando se estava vivendo a pandemia da COVID-19 e as aulas presenciais ainda não tinha retornado à vila.

c) O trabalho na agricultura: o cotidiano familiar pela parte da manhã

O trabalho na agricultura é baseado em culturas anuais e, mais recentemente, os trabalhadores rurais vêm adaptando seus cultivos aos de ciclo longo, especialmente, o cultivo de frutíferas. Esse trabalho é realizado preferencialmente pelo período da manhã. Os 18 entrevistados destacam que a parte da manhã é de trabalho na terra, pois destacam que no período da tarde “o sol castiga mais”, ou seja, existe um maior desconforto em desenvolver os trabalhos agrícolas. Excepcionalmente, quando ocorre a necessidade, esses trabalham também pela parte da tarde. O período da tarde foi mais comum para os que arrendaram lotes de dendê da *Brasil Bio Fuels* (BBF)⁴⁰.

O trabalho inicia logo cedo, às cinco da manhã (às vezes antes). A mãe começa a fazer o café da manhã, e quem vai trabalhar nas plantações já se levanta. Logo após o desjejum, pai, mãe e, às vezes, os filhos, saem para um

⁴⁰ Tem destaque na trajetória o trabalho recente em áreas de dendê plantadas por uma empresa em terras perto de Belenzinho. A área pertencia à empresa Biopalma, da mineradora Vale, que posteriormente a vendeu para a Brasil BioFuels (BBF). No entanto, durante o período de transição (2019-2020), segundo os entrevistados, a área estava abandonada. Por isso, dez entrevistados assumiram algumas quadras desse dendezal. De acordo com os entrevistados, duas famílias ficam responsáveis por uma quadra, assumindo os tratos culturais que o monocultivo de dendê exige e vendendo os seus cachos à empresa BBF. O tamanho das quadras varia, segundo os entrevistados, podendo cada quadra conter de 1.500 a 2.000 pés de dendê.

período de trabalho na agricultura. A partir das 10h da manhã começa-se a ver os trabalhadores rurais retornando do “centro”, como eles costumam chamar os locais de roça⁴¹.

De manhã eu sempre saio para trabalhar seja no dendê ou na roça, umas 6h até as vezes 11h ou 15h, conforme o trabalho. A tarde as vezes a gente não faz nada mesmo, a noite é em casa, igreja, de casa pra igreja (J.M.S, 26 anos).

A esposa de um dos trabalhadores rurais que está no pós-trabalho assalariado na dendêicultura relatou a sua dinâmica de trabalho, demonstrando que a mulher exerce uma jornada de trabalho prolongada, pois além do trabalho doméstico, atua também de maneira efetiva nos trabalhos da roça.

Eu prefiro trabalhar pela manhã, o sol está menos quente, faço o que tenho que fazer, capino minha roça de mandioca, limpo meus pés de açaí, e quando chego em casa preparam o almoço das crianças. A tarde não quero saber de serviço na roça, também é só chuva a tarde, aí prefiro ficar assistindo meus programas, lavar uma roupa, fazer o dever das crianças e por aí vai... (N. S. C, 28 anos).

As mulheres são as responsáveis pelos serviços domésticos. No entanto, na maioria das vezes, estão com os maridos trabalhando no roçado, dividindo o tempo entre os trabalhos de casa e da roça. Apenas 29% (5) alegaram que trabalhavam exclusivamente em casa, enquanto 71% (12) disseram que trabalham tanto em casa quanto na roça, dividindo o tempo igualmente para cada atividade. Geralmente essas mulheres vão à roça com os maridos e filhos pela parte da manhã e retornam ao fim desse primeiro turno.

O período da tarde, para as mulheres, é dedicado aos filhos (tarefas escolares remotas), descanso, lazer e aos afazeres domésticos. Em um caso, a esposa assumiu por completo o trabalho na roça, pois o marido estava doente, condição que, segundo ele, foi adquirida enquanto trabalhava assalariado no dendê, não podendo mais trabalhar na agricultura. A mulher, nesse caso, assumiu as principais atividades na roça e na colheita do açaí.

⁴¹ Tal dinâmica influenciou também nos meus horários de pesquisa, percebi que não encontraria os trabalhadores rurais que viviam o pós-trabalho assalariado na dendêicultura nos dias de semana pela parte da manhã em suas casas, justamente porque estavam nos trabalhos agrícolas. Por isso, as entrevistas eram realizadas, quase sempre, no período da tarde, horário mais comum para encontrá-los em suas casas.

No entanto, na maioria das vezes, as mulheres assumem posições consideradas como uma “ajuda” ao considerado trabalho “pesado” do marido na roça.

Pra roça as vezes eu vou, quando ele (o marido) tá plantando as vezes eu semeio, eu corto a maniva, quando ele vai fazer farinha eu vou tirar a mandioca do pé, não é uma coisa muito boa, mas dá pra sobreviver porque a gente não tem outra coisa, ele não tá mais empregado, não tem carteira assinada, a gente depende disso pra sobreviver (J.M.S, 26 anos).

Paulilo⁴² destaca que, independentemente de regiões ou de culturas, existe, como traço comum, uma distinção entre trabalho “leve” e “pesado”. O primeiro, atribuição de mulheres e crianças, o segundo para os homens. Segundo a mesma autora, qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são “leves” as atividades que se prestam à execução por mão-de-obra feminina e infantil. Importa destacar que essa classificação está associada a diferentes remunerações: maior para o trabalho “pesado”, menor para o “leve”, mesmo que ambos demandem o mesmo número de horas ou que o esforço físico exigido por um tenha como contraponto a habilidade, a paciência e a rapidez requeridas pelo outro. O que determina o valor da diárida é, em suma, o sexo de quem a recebe.

As crianças também participam nas atividades da agricultura desenvolvendo atividades como a limpeza das áreas de mandioca e os maiores ajudam fazendo farinha ou na colheita do açaí. Quando chegam do “centro”, enquanto o almoço não sai, a brincadeira das crianças começa, principalmente de bola pelos quintais das casas. Apesar de acordarem cedo e irem trabalhar na agricultura, as crianças chegam cheias de energias e rapidamente tiram as roupas pesadas usadas no trabalho agrícola e vestem as mais simples para brincarem.

Segundo Santos Júnior⁴³ a mão de obra das crianças vai sendo requisitada como complemento da renda familiar. A comparação com as idades não parece obedecer a uma ordem cronológica que fixa uma determinada idade como indicador da aptidão ao trabalho. Ao invés, o que se tem é uma demarcação que associa a força física ao conhecimento das atividades requeridas na roça. Trata-se, portanto, de uma representação simbólica em torno

⁴² PAULILLO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. *Revista Ciência Hoje*, v. 28, 1987.

⁴³ SANTOS JÚNIOR, Jaime. A dimensão esquecida: a questão da agência no trabalho do corte da cana de açúcar. *Caderno CRH*, v. 31, n. 83, p. 389-406, ago. 2018, p. 7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792018000200014>

do momento tido como propício ao início das atividades laborais. Ser “mais novo” ou “mais velho”, nesse modo de escalar o tempo, significa já ser considerado apto ao trabalho⁴⁴.

No período da pesquisa, o açaí estava na safra e, por isso, fazia parte do cotidiano alimentar das famílias dos trabalhadores rurais, estando presente no almoço, janta e, algumas vezes, no lanche da família. O açaí era a principal fonte de alimento nesse período, o acompanhamento era peixe seco, mortadela, frango frito e outros, mas o açaí era sempre a principal fonte de alimento e o mais pedido pelas crianças, sendo comum que elas sequer esperassem o fruto ser processado em máquina para consumi-lo.

As famílias se reúnem para bater o fruto do açaí, ou seja, processá-lo para retirar a polpa. Nessa etapa, os pais e os filhos mais velhos são os responsáveis por subir nos pés de açaí⁴⁵ e realizar a coleta do cacho. Esses pés de açaí, geralmente, são plantados e estão presentes no quintal das famílias, além de serem de pequena estatura, o que facilita a coleta. As mulheres se reúnem para bater o fruto. Enquanto uma realiza o processo de branqueamento e lavagem dos frutos, a outra bate o açaí em máquina apropriada. As crianças sempre estão por perto e comem o fruto, antes de ser batido, com farinha. Após esse processo, a polpa do açaí é repartida entre os familiares mais próximos e uma boa quantidade é armazenada nas geladeiras e no freezer.

b) Descanso, banhos de igarapé, aulas remotas: O cotidiano familiar pela parte da tarde e noite

O cotidiano para os trabalhadores rurais que vivem o pós-trabalho assalariado na dendêicultura e a relação com sua família nuclear intensifica-se no período da tarde e da noite, pois é nesse momento que os familiares conversam mais, descansam e se dedicam ao lazer em família.

Após o almoço, os homens e as mulheres assistem diversos programas na televisão, dormem e cuidam dos animais de pequeno porte que são criados livres pelos quintais. As mulheres, além de descansarem, também são responsáveis por administrarem as aulas remotas dos filhos, ensinando, lendo e os colocando para fazer as tarefas escolares⁴⁶.

⁴⁴ SANTOS JÚNIOR, Jaime. A dimensão esquecida: a questão da agência no trabalho do corte da cana de açúcar. *Caderno CRH*, v. 31, n. 83, p. 389-406, ago. 2018, p. 7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792018000200014>

⁴⁵ Existe uma preferência para que as crianças, por serem mais leves, subam nos pés dos açaizeiros e assim evitam o tombamento da estirpe do açaí.

⁴⁶ Nesse período ainda se vivia a pandemia de COVID-19. Por isso, as aulas as crianças estavam em aulas remotas.

O período da tarde também é o momento em que as famílias se dedicam ao lazer e às tarefas domésticas. Enquanto as mulheres lavam roupas, as crianças brincam de futebol, vôlei ou nadam no rio Araxiteua, que circunda a vila em diversos pontos. Apesar de haver água encanada na maioria das casas, e algumas famílias até possuírem máquina ou tanquinho de lavar roupa, as mulheres preferem lavar as roupas e até mesmo louças no igarapé. Dizem que é costume, que a máquina não lava bem como a mão delas. Nesse momento, são os homens que ajudam as mulheres, carregando as bacias ou carrinhos de mão com roupas e/ou louças sujas.

O igarapé é um momento de interação, especialmente das mulheres. As meninas geralmente estão aprendendo com as mães, vizinhas ou tias as práticas do cotidiano feminino de lavar roupas, enquanto os meninos preferem ficar nas brincadeiras com os seus pais.

A noite é o período em que os trabalhadores e suas famílias conversam na frente das casas, as cadeiras de plásticos coloridas aos poucos vão saindo e ganhando espaço no terreiro em frente as casas, as conversas surgiam sobre temas diversos. Estes momentos proporcionam também pequenas vendas itinerantes, onde se chega com os moradores reunidos e se vende coxinhas, utensílios domésticos e materiais escolares. As casas são os pontos preferidos de encontro independente do dia de semana entre homens e mulheres.

O início da noite é também a hora das diversas brincadeiras inventadas pelas crianças da vila. Enquanto seus pais trocam conversas, as crianças brincam de cabra cega, vôlei no varal da mãe, futebol no campinho das crianças, bicicleta, gangorra em um pedaço de madeira esquecido, entre outras.

Quando escurece, os moradores tentam ligar do único ponto da vila onde há sinal de celular, embaixo de um pé de mangueira. Ligam para os esposos que estão longe, trabalhando, ou para a familiares em outras partes do estado ou do Brasil. Mas também é o momento do dia em que muitos jovens tentam um sinal de internet, embaixo da mesma mangueira, para atualizar suas redes sociais, principalmente o WhatsApp⁴⁷.

Conclusões

A partir das entrevistas, observações em conjunto das informações e dos dados analisados a partir das leituras realizadas, compreendemos que a

⁴⁷ Na segunda ida ao campo, esse hábito havia mudado pela presença de internet sem fio em algumas casas. Quem não possuía internet, comprava a hora do vizinho ou compartilhava a senha.

trajetória de trabalho dos trabalhadores rurais, sempre esteve relacionada ao trabalho rural. Inicialmente, como ajuda aos pais nas atividades agrícolas, especialmente no trabalho na roça. Posteriormente, quando casam, assumem seus próprios roçados. O assalariamento na dendêicultura surge como uma oportunidade de obter benefícios de uma carteira assinada, em adquirir bens materiais, entre outros. No entanto, o trabalho assalariado na dendêicultura mostrou-se extremamente desgastante e volátil, o que ocasionou o retorno desses trabalhadores ou a continuação do trabalho agrícola nas áreas familiares. Para esse período da trajetória, chamamos de pós-trabalho assalariado na dendêicultura.

No pós-trabalho assalariado, identificamos que a relação entre os que vivem o pós-trabalho assalariado na dendêicultura e a comunidade se intensifica, porque eles passam a organizar o cotidiano de trabalho de acordo com as necessidades familiares e agrícolas, priorizando mais tempo para os períodos de descanso e de lazer.

Na vila de Belenzinho, os trabalhadores rurais que vivem o pós-trabalho assalariado na dendêicultura apresentaram mais períodos de lazer, quando comparados ao período da trajetória em que estavam assalariados, com destaque para aqueles momentos vividos entre vizinhos e amigos, como o futebol e os eventos religiosos. Na família, o cotidiano é marcado pela organização familiar para desenvolver atividades agrícolas no período da manhã e, eventualmente, à tarde. No entanto, esse último período foi destacado muito mais para o descanso da família.

Identificamos também que no pós-trabalho assalariado ocorreu uma priorização do cultivo de frutíferas, como o açaí, o cacau e o cupuaçu. Os motivos que levam os trabalhadores rurais a optarem por tais cultivos estão associados à maior procura e à valorização dessas culturas nos últimos anos, à menor penosidade quando comparado à cultura da mandioca, e a áreas disponíveis e aptas para o cultivo.

Os trabalhadores assumem e reassumem o seu trabalho como agricultores familiares e aliam os conhecimentos adquiridos na dendêicultura como forma de permanecer em seu local de origem e arrecadar possíveis retornos financeiros.

Por fim, destacamos que esses trabalhadores entrevistados são aqueles que não foram expropriados de suas áreas, mas eram pluriativos. Por isso, puderam retornar ao seu trabalho de agricultor familiar ao serem desligados do assalariamento na dendêicultura.

Referências:

BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos. *O Futebol como espaço de manifestação sociocultural vivenciada em comunidades rurais no Baixo Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

BECKER, Howard. Observação social e estudos de caso sociais. In: BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Hucitec, 1994, p. 117-135.

BORGES, Anderson Coelho; FOLHES, Ricardo Theophilo. Agricultura familiar camponesa: formas de existência em Mojuí dos Campos – PA. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 17, n. 44, 2022.

BRASIL. *Lei N° 13.467, de 13 de julho de 2017*. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2017.

BUDIDARSONO, Suseno; SUSANTI, Ari; ZOOMERS, Annelies. Oil Palm Plantations in Indonesia: The Implications for Migration, Settlement/Resettlement and Local Economic Development. In: FANG, Zen (ed.). *Biofuels - Economy, Environment and Sustainability*. *In Tech*, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5772/50478>.

CASTRO, Edna Maria Ramos. Desmatamento na Amazônia, desregulação socioambiental e financeirização do mercado de terras e de commodities. *Novos Cadernos NAEA*, v. 25, n. 1, p. 11-36, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v25i1.12189>

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FROES, Lívia Tavares Mendes. Tecendo caminhos, ocupações e percepções – a diversidade das experiências de trabalhadores rurais temporários do norte de minas gerais. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, n. 1, p. 15, 2017. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2017.v37.49>

GARCIA JUNIOR, Afrânio Raul. *O Sul: Caminho do Roçado - Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social*. 1983. Tese de Doutorado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, v. 3, p. 1-16, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Produção Agrícola Municipal 2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 224.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo D. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

MENEZES, Marilda Aparecida; COVER, Maciel. Trabalhadores migrantes em usinas de cana de açúcar em São Paulo, Brasil. In: PALERMO, Hernán M.; CAPOGROSSI, Maria Lorena (orgs.). *Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; CEIL; CONICET; Córdoba: Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura-CIECS, 2020. p. 773-770.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização de entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987. p. 191-212.

MOTA, Dalva Maria. Sociabilidades entrecortadas em vilas rurais sob o afluxo de migrantes para trabalhar na dendicultura no Pará. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 42, n. Especial, p. 489-506, 20 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2022.v42.803>

NOVAES, José Roberto Pereira. Trabalho nos canaviais: os jovens entre a enxada e o facão. *RURIS*, v. 3, n. 1, p. 105-127, 2009. DOI: <https://doi.org/10.53000/rr.v3i1.685>

OUTHWAITE, William.; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. *Revista Ciência Hoje*, v. 28, 1987.

PEBRIAN, Darius El; YAHYA, Azmi; SIANG, Tan Chun. Workers' workload and productivity in oil palm cultivation in Malaysia. *Journal of Agricultural Safety and Health*, v. 20, n. 4, p. 235-254, 2014. DOI: <https://doi.org/10.13031/jash.20.10413>.

PUDER, Janina. Superexploitation in bio-based industries: the case of oil palm and labour migration in Malaysia. In: BACKHOUSE, Maria; LEHMANN, Rosa; LORENZEN, Kristina; LÜHMANN, Malte; PUDER, Janina; RODRÍGUEZ, Fabricio; TITTOR, Anne. *Bioeconomy and Global Inequalities: Socio-Ecological Perspectives on Biomass Sourcing and Production*. Springer International Publishing, 2021, p. 195-215.

REIS, Tainá. *Ceifando a cana... Tecendo a vida. Um estudo sobre o pós/trabalho nos canaviais.* 2018. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

SANTOS JÚNIOR, Jaime. A dimensão esquecida: a questão da agência no trabalho do corte da cana de açúcar. *Caderno CRH*, v. 31, n. 83, p. 389–406, ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792018000200014>

SANTOS JÚNIOR, Jaime. Fissuras do cotidiano: nos meandros das estruturas de dominação. In: PALERMO, Hernán M.; CAPOGROSSI, Maria Lorena (orgs.). *Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; CEIL; CONICET; Córdoba: Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura-CIECS, 2020. p. 705–732.

SCHMITZ, Heribert; MOTA, Dalva Maria da; SOUSA, Glaucia. M. Reciprocidade e ação coletiva entre agricultores familiares no Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 1, p. 201-220, jan.-abr. 3 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000100012>

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no sul do Brasil. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 16, 2001.

SEVERO, Patrícia Schneider; SACCO DOS ANJOS, Flávio. Clandestinos, invisibles e esenciales: zafreros rurales em el Brasil meridional. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 84, n. 3, 2022.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros de. Partir e ficar. Dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, p. 129–151, dez. 2009.

Artigo recebido para publicação em 07/05/2025 e aprovado em 03/07/2025.